

A INFLUÊNCIA DA CAPACITAÇÃO DO TERAPEUTAS OCUPACIONAIS NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA PROFISSÃO NO BRASIL

Selma Lancman

Professora do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, mestre em Saúde Comunitária pela Universidade Federal da Bahia e Doutora em Saúde Mental pela UNICAMP.

Resumo:

O artigo visa discutir o processo de crescimento, constituição e profissionalização da Terapia Ocupacional no Brasil. Aborda as conseqüências para a profissão da formação dos professores dos cursos de Terapia Ocupacional estar sendo feita em áreas afins e a conseqüência disto para o desenvolvimento da profissão e na sua constituição como tal. Este tipo de formação modifica o perfil e os rumos da profissão na medida em que dificulta aos terapeutas ocupacionais criarem uma cultura e um repertório comum. Isso pode estar influenciando na constituição do campo profissional como tal, enquanto um corpo de conhecimento teórico, prático e metodológico próprio e reconhecido no mercado de trabalho pela sua especificidade.

Palavras-chave: terapia ocupacional, profissões na área da saúde, constituição das profissões

Existem hoje, no Brasil, 17 cursos de Terapia Ocupacional já reconhecidos, distribuídos ao longo do país, 6 em início de funcionamento e vários outros em processo de abertura. Esse número contrasta por exemplo com os dos Estados Unidos aonde existem mais de 200 cursos na nossa área. Somos cerca de 6000 profissionais em exercício em todo o território nacional e ingressam no mercado 500 novos terapeutas ocupacionais ao ano. A maioria destes profissionais esta concentrada no

Estado de São Paulo, que no ano de 1992 já possuía 2500 profissionais em exercício¹. Também é nesse Estado que se concentram o maior número de cursos (4) que oferecem cerca de 200 vagas ao ano.

⁽¹⁾ FUNDAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO ADMINISTRATIVO (FUNDAP), **Distribuição da Força de Trabalho no nível superior na área da saúde no Estado de São Paulo em 1992: Análise preliminar dos dados da Pesquisa Assistência Médico-Sanitária / FIBGE, 1992**, São Paulo, 1997.

Possuímos cerca de 200 terapeutas ocupacionais envolvidos com ensino superior. Destes, pelo menos 70 dedicam-se integralmente ao trabalho na universidade, desenvolvendo simultaneamente atividades de ensino, extensão e pesquisa. Esses docentes, pelo tipo de prática que realizam e por terem que reproduzir em seu cotidiano profissional o ensino da Terapia Ocupacional estão envolvidos com algum tipo de questionamento e reflexão sobre a profissão e seu corpo teórico.

A partir da necessidade de formação para o desenvolvimento de pesquisas e também pelas exigências das universidades quanto à necessidade de maior titulação, vários profissionais, na sua maioria docentes, cursam ou cursaram programas de capacitação docente ao nível de mestrado e doutorado. Existem, atualmente, cerca de 10 terapeutas ocupacionais doutores e a estimativa é de pelo menos mais 25 nos próximos 5 anos², além de uma quantidade significativa de mestres. Como repercussão imediata disso, a produção científica na área começa a se avolumar e alguns destes doutores já começam a reproduzir seu conhecimento orientando pesquisas a nível de iniciação científica, mestrado, etc.

Devido à inexistência de programas de pós graduação strictu-sensu específicos em Terapia Ocupacional no Brasil, a maior parte destes docentes cursou programas em áreas afins, entre elas: Educação, Psicologia, Saúde Pública, Saúde Mental, Ciências Sociais e Artes.

Acreditamos que esta formação dos docentes de terapia ocupacional em outras áreas, da ampliação do universo de relações entre campos do conhecimento, acrescido da pouca delimitação do nosso corpo teórico,

(²) EMMEL, M.L.G. & LANCMAN, S. "O processo de capacitação docente dos terapeutas ocupacionais: implicações na definição do perfil profissional e nos rumos da profissão", Relatório parcial de pesquisa apresentado ao CNPq. 1997 (mimeo).

possa estar modificando não somente os currículos dos cursos de graduação, como também o perfil e os rumos da profissão no país. Isto ocorre na medida que, os terapeutas ocupacionais não criam uma cultura, um repertório comum ou, como afirma Bourdieu³, "(...) *terrenos de encontro e acordo, problemas comuns e maneiras comuns de abordar tais problemas comuns(...)*". Ou seja, a formação em outras áreas pode estar dificultando a criação de uma cultura comum e de uma identidade profissional, que nos leve a uma produção dirigida à constituição de linhas de pesquisa e a desenvolver nossa própria profissão, o que vai se refletir inclusive nos cursos de graduação.

O sonho de uma pós-graduação em Terapia Ocupacional ainda não se concretizou, devido à dispersão dos doutores em várias instituições (principalmente na USP, UFSCar, UFMG) e à diversidade de áreas de formação desses docentes, o que dificulta a criação de linhas de investigação que envolvam um número razoável de pesquisadores e que possam evoluir para um programa de mestrado.

Se por um lado, o surgimento de cursos de pós graduação strictu sensu no país poderá finalmente consolidar núcleos de investigação, de outro, corremos o risco de avançarmos sem termos resolvido questões básicas da Terapia Ocupacional que se evidenciam nos cursos de graduação. Um outro aspecto importante, é que a política de pós graduação no país hoje privilegia programas interdisciplinares, ou seja, qualquer proposta que viermos a formular terá que ser aberta a outros profissionais (CAPES, 1996).

Esta questão tem um significado especial para

(³) BOURDIEU, P. Sistemas de Ensino e Sistemas de Pensamento, in *A Economia das Trocas Simbólicas*. p.207, Perspectiva, São Paulo, 1974.

nossa profissão pela pouca definição teórica do nosso objeto e métodos de trabalho, pela falta de paradigmas consolidados entre nós, e pela falta de conceituação sobre o significado da profissão principalmente para o grande público.

Frente a essas questões⁴, procuramos refletir a partir da sociologia das profissões no processo de profissionalização da Terapia Ocupacional no Brasil. É necessário averiguar em primeiro lugar se caminhamos para um processo crescente de profissionalização, através da constituição de um corpo de conhecimento e de uma prática própria e específica ou, ao contrário, para uma “desprofissionalização” e diluição do nosso campo de ação em outras áreas.

A Terapia Ocupacional hoje, no Brasil, é uma profissão incorporada ao mercado de trabalho nas áreas da saúde, social e educação. A dinâmica de trabalho nessas áreas vem sofrendo uma série de mudanças nos últimos anos, a exemplo do que vem ocorrendo em outros países, com a falência de uma política assistencial que se reflete nas profissões afins e no relacionamento entre elas. Nesse sentido, a quebra do modelo de atenção à saúde baseado num modelo privado e autônomo, o assalariamento dos profissionais da saúde e a reorganização da medicina privada através dos convênios de assistência à saúde, são exemplos destas transformações.

Nos serviços públicos, as várias profissões disputam uma demanda desprovida de poder aquisitivo, de instrução escolar e com problemáticas difíceis de serem

solucionadas segundo os modelos tradicionais de atenção desenvolvidos pelos médicos. São nas propostas de intervenção junto a essa população e, por vezes, justamente na falta dessas propostas, que a Terapia Ocupacional tem encontrado seu campo de ação, conseguindo introduzir práticas inovadoras, que por sua vez tem sido reconhecidas e valorizadas.

A CONSTITUIÇÃO DAS PROFISSÕES

Vários teóricos da Sociologia, em especial representantes da escola funcionalista, refletiram sobre o papel das profissões, entre eles destacamos Parsons (1968), Wilensky (1970) e Larson (1977).

Para esse autores, as profissões são processos que orientam a organização de determinados grupos específicos, além de determinar padrões de sociabilidade. As profissões direcionam tendências estruturais na sociedade e definem relações e posições de mercado de seus profissionais em relação à clientela que vai consumir seus serviços. Pressupõem, ainda, um corpo organizado de conhecimento, orientado para um ideal de serviço e para um mercado inviolável. Para Parsons, “*profissões são sistemas de solidariedade cuja identidade se baseia na competência técnica de seus membros, adquirida nas instituições educacionais e científicas*”⁵.

Para Barbosa, explicitando as idéias de Parsons, os profissionais:

“são portadores de um treinamento técnico formal, com validação institucional da adequação deste treinamento e da competência do indivíduo treinado. São indivíduos que possuem um

(⁴) Além de buscar fundamentação teórica, em pesquisa recente realizada em conjunto com a Profa. Maria Luísa Guillaumon Emmel, do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, fizemos uma investigação empírica envolvendo todos os docentes de Terapia Ocupacional do Brasil onde buscávamos verificar o efeito da capacitação docente na prática de ensino e de assistência. EMMEL, M.L.G. & LANCMAN, S. op. cit., 1977

(⁵) PARSONS, T. Verbete “Professions” In BARBOSA, M.L.O. “A Sociologia das Profissões: em Torno da Legitimidade de um Objeto” BIB, p.4 Rio de Janeiro, n 36, 1993, pp. 3-30.

*domínio sobre uma racionalidade cognitiva; - tomada em sentido mais amplo, quase uma "cultura geral" - aplicável a um campo específico. Além do domínio de uma certa tradição cultural, eles desenvolvem uma habilidade especial. Outro critério... seria o controle da profissão sobre o uso socialmente responsável dessas qualificações."*⁶

Um outro aspecto importante, já citado por GILLETTE, N. & KIELHOFNER (1979) é que qualquer profissão que pretenda se impor como tal terá de encontrar uma base técnica para fazê-lo, garantindo que tanto as técnicas como o campo em que pretende atuar estejam de acordo com padrões de treinamento e de vencimento ao público de que seus serviços são além de confiáveis, exclusivos.

Esta visão, que associa as profissões a mercadorias que devem ser *negociadas no mercado social*, também reconhece a Universidade e as instituições de pesquisa como os locais que no último século centralizaram esse tipo de conhecimento, tornando-se o centro estrutural das profissões e o local a partir de onde elas se irradiam. Nesse sentido, o monopólio ou a exclusividade do saber sobre determinadas áreas, que primeiramente era atribuição das associações profissionais, é agora normatizado pelas instituições de ensino através de instrumentos, tais como uma formação determinada por um currículo e um diploma. É o currículo homogeneizado que define e circunscreve o conteúdo teórico da área de conhecimento, que vai ser transmitido aos aspirantes. É a educação superior e o diploma, o pré-requisito que vai criar uma fatia no mercado de trabalho exclusiva aos membros de uma profissão⁷.

⁽⁶⁾ BARBOSA, M.L.O. ob. cit. pp.4-5.

⁽⁷⁾ Esta questão foi desenvolvida com maior profundidade em outro artigo de minha autoria intitulado: "Réflexions sur la constitution du champ de L'Ergothérapie au Brésil", publi-

São os docentes, através dos currículos, os principais responsáveis pela institucionalização das disciplinas teóricas e transmissão do conteúdo que será oferecido ao estudante. Os professores são responsáveis também por transmitir os fundamentos da profissão, os princípios que a norteiam e construir um sentido de unidade entre práticas e teorias, entre áreas de atuação diferentes e criar uma identidade profissional.

É em torno das instituições de ensino que em geral se articulam avanços profissionais, novos campos de trabalho, etc. Nas regiões onde existem cursos bem estruturados temos observado um avanço significativo do campo profissional maior do que em outras onde não existem⁸.

As diversas profissões são diferenciadas pelas funções que exercem na sociedade e hierarquizadas pelo grau de necessidade que o sistema tem delas, ou seja, pelo conjunto de características cognitivas e práticas - grau de abstração do conhecimento - que eles controlam e pelo reconhecimento que a clientela - consumidores dos serviços - faz desses conhecimentos. Cabe também aos profissionais de um modo geral produzir o mercado de trabalho no qual vão se inserir. É a disputa pelo espaço social entre áreas que define o âmbito das profissões.

O que habilitaria uma profissão a se constituir

cado no Journal d'Ergothérapie, tome 20, vol. 2 1998, Paris, Masson, pp.85-89

⁽⁸⁾ Um bom exemplo disso ocorreu na Bahia, onde por um período de 10 anos o único curso de Terapia Ocupacional do Estado esteve fechado, o que ocasionou uma estagnação da profissão tanto no aporte de novos profissionais no mercado quanto a nível da melhoria da capacitação dos já existentes, ficando o crescimento da profissão limitado a iniciativas individuais. Com a reabertura do curso de graduação há 4 anos atrás, ocorreu simultaneamente a oferta de cursos de capacitação e especialização a profissionais já formados, que contaram com larga participação e envolvimento de vários terapeutas ocupacionais do Estado.

como tal, é o grau de abstração dos conhecimentos que ela monopoliza - grau este que varia no tempo e no espaço. O corpo desse conhecimento, sua especificidade, bem como a existência de um mercado inviolável de trabalho e o controle sobre uma determinada área do saber são os elementos essenciais para a organização de um grupo profissional e o que o diferenciaria na competição interprofissional entre áreas e campos do conhecimento. Ou seja, o que vai defini-lo como profissão ou semi-profissão.

A Medicina, o Direito, a Engenharia são exemplos de profissões constituídas, na medida em que possuem um objeto de conhecimento definido, práticas reconhecidas e o monopólio sobre estas práticas, enquanto que, a Farmácia, a Enfermagem e a Terapia Ocupacional são exemplos de semi-profissões, pela ausência de um corpo específico de conhecimento e dos elementos acima relacionados. Já a Psicologia, é uma semi-profissão em processo de profissionalização, na medida em que começa a adquirir e construir um corpo próprio de conhecimento.

Acrescenta-se à questão da constituição do campo profissional, um aspecto específico na nossa prática relacionado ao modelo de atuação que a Terapia Ocupacional adotou. Esse modelo é calcado no trabalho inter e transdisciplinar, que por sua vez, propõem justamente a diluição das especificidades, dos papéis e dos instrumentos de trabalho. Esse tipo de prática apesar de todos os ganhos que pode estar trazendo às ações de saúde e à clientela atendida, certamente não contribui para a constituição do nosso campo específico de atuação.

Entre as críticas à visão funcionalista, está o fato dessa teoria não levar em conta o usuário do serviço, que tem, de alguma forma, o poder de transformar o campo de ação de uma profissão através do consumo dos serviços. Também não leva em conta as transformações soci-

ais que estão diretamente relacionadas ao mercado de trabalho. Nesse sentido, deve-se levar em conta, na atualidade, segundo Barbosa⁹, o declínio do profissionalismo, o assalariamento dos profissionais, a decadência de formas tradicionais de organização dos diferentes grupos profissionais e a perda do status de algumas profissões, principalmente nas áreas de saúde e social, onde a decadência de certas formas de atenção e de uma política social comprometeu não só a atenção oferecida a determinados grupos, mas por extensão, aos profissionais tradicionalmente responsáveis pelos cuidados a essa população.

O tipo de clientela e seu poder de pressão será fundamental na definição do papel e do status de determinados profissionais. No caso da população usualmente atendida pelos terapeutas ocupacionais, desprovida de poder de pressão quer pela sua exclusão social devido à sua procedência de classe, quer pela sua exclusão devido às deficiências que possui, ou ainda, a somatória de vários destes fatores, entre outros, determinará em parte a falta de status dos profissionais que trabalham com essa população.

Ao se transpor a conceituação dos funcionalistas para a Terapia Ocupacional, querendo defini-la pela posição do mercado, pela posição dos profissionais nas relações de poder e pela abstração do conhecimento que ela faz, deixa-se de lado o papel, ora criativo ora limitativo, que os grupos organizados em profissões exercem sobre o conhecimento e as características particulares da nossa profissão, no que se refere ao processo de constituição de um campo de atuação e de uma área de conhecimento, que longe de estar pronta ainda requer uma formulação mais ampla.

Os profissionais, através das suas práticas, podem

(⁹) BARBOSA, M.L.O. ob. cit.

direcionar a produção do saber na área, tanto no conteúdo quanto na metodologia, definindo inclusive outras clientelas e abordagens, o que muda a ordem dos argumentos. Ou seja, não é somente a profissão que vai buscar um mercado e se transformar assim em mercadoria acabada, ela responde a necessidades sociais e se transforma na medida em que estas demandas exigem.

As profissões não concorrem no mercado de trabalho em condições de igualdade e isto não pode ser critério para se medir sua importância social. Uma evidência disto está nas áreas de humanas, de saúde e de educação. Parece-nos parcial a visão que pretende estabelecer fronteiras entre profissões, tratando-as como iguais e o mercado de trabalho como homogêneo e afinado com as demandas sociais. Acreditamos ser necessário acrescentar a essa análise a capacidade de certas populações negociarem seus direitos à assistência, cidadania, atenção e reinserção social, o que envolveria os profissionais diretamente responsáveis pelos cuidados a estas populações.

AS PROFISSÕES ENQUANTO INSTITUIÇÕES

Preferimos entender o campo das profissões relacionado ao campo das relações sociais e das práticas institucionais. Fazendo um paralelo entre as teorias das instituições desenvolvidas por Albuquerque (1978) e a das profissões, podemos entender as profissões como um processo contínuo de re/produção de uma relação de clientelização e resultado das práticas institucionais. Uma profissão, enquanto instituição, não são as atribuições definidas no código de Ética, também não é o conjunto de práticas e conhecimentos que ela abarca, pois estas estão em constante transformação, nem tampouco o conjunto das disciplinas curriculares, mas sim as práticas institucionais que ela reproduz e legitima. A profis-

são como uma instituição só existe na prática concreta de seus atores, que por sua vez, a constituem praticando-a. Seu âmbito dependerá sempre da competição com outras instituições (profissões), que sempre disputarão um campo de ação. Toda instituição tem vocação totalitária, no sentido em que formula seu objeto de modo a abarcar em seu âmbito a totalidade das relações sociais da população que atinge.

Entendemos ser esta visão mais dinâmica, dando às profissões uma posição mais ágil e flexível, mais apropriada à nossa realidade, às variações no mercado de trabalho e mais permeável às mudanças das políticas sociais.

As profissões possuem histórias, contextos e particularidades que tornam necessárias múltiplas análises para compreendê-las, onde se englobam também as diferenças regionais, entre países, áreas e campos de atuação. Além disso, há dificuldades de se estudar as profissões como unidade, na medida em que uma mesma categoria profissional pode ter condutas diferentes ao atuar junto a clientelas também diferentes, variando de acordo com áreas de especialização, filiação teórica e de profissional para profissional. Nesse sentido, é necessário uma certa coesão entre áreas e especialidades que assegurem um sentido de unidade para a profissão.

No caso da Terapia Ocupacional, o processo de profissionalização ocorre junto com a necessidade de produção simultânea do conhecimento teórico da profissão, da formação dos produtores desse conhecimento, da reprodução desse saber em práticas de ensino e em práticas clínico/assistenciais e ainda, de se fazer reconhecer no mercado de trabalho. Isto traz algumas características especiais principalmente se levarmos em conta nosso corpo de conhecimento, nosso instrumental de trabalho e a própria definição da profissão. Mas é através desse

processo de produção e re/produção de teorias e práticas que poderemos nos legitimar e nos constituir. Ser terapeuta ocupacional não é uma abstração, existimos na medida em que praticamos relações sociais concretas e nos fazemos reconhecer como tal, através de certas terapêuticas, de determinadas técnicas de intervenção e da produção de determinadas teorias. O que nos unifica é o conjunto de teorias e práticas por nós desenvolvido no cotidiano das instituições que freqüentamos sejam elas assistenciais ou formadoras.

O processo de capacitação que tivemos e a diversidade de formação existente entre os terapeutas ocupacionais (EMMEL & LANCMAN¹⁰), talvez não esteja colaborando na constituição da nossa profissão como tal ou, ainda, talvez estejamos buscando caminhos que num primeiro momento nos pareciam atalhos mas que acabaram nos distanciando do nosso fim último que seria construir nossa especificidade.

É no domínio de conhecimentos próprios que se constituem as profissões, que por sua vez não são homogêneas nem independentes entre si. Talvez esteja na hora de direcionarmos o foco, modificando o sentido do olhar e da reflexão, construindo a partir do conhecimento adquirido em áreas afins, teorias próprias, que tenham como eixo de reflexão nossos próprios instrumentos e metodologias, e que, apesar das diferentes formas de atuação, áreas, especialidades e filiações teóricas nos traga um sentido de identidade profissional.

Acredito que as profissões deverão se modificar muito num futuro próximo, profissões tradicionais vão acabar, outras estão nascendo e a maioria delas estão se transformando rapidamente para sobreviver. O que nos definirá como profissão no futuro e garantirá nosso crescimento, é justamente o conjunto de práticas que puder-

mos produzir, re/produzir e legitimar, ampliando nosso objeto e dando um sentido teórico que atenda às transformações sociais e nos coloque num lugar de vanguarda em relação a elas.

Viveremos a meu ver, nos próximos anos um rápido crescimento do número de escolas de Terapia Ocupacional em todo o Brasil, o que ocorrerá em parte pela necessidade de abertura de cursos em Estados onde não ainda existem, mas principalmente pelo momento de expansão do ensino superior privado no Brasil. Esta expansão implicará na necessidade de criação de mercado para estas escolas e isto se dará através da abertura de cursos novos que possam atrair alunos uma vez que o campo de ensino de outras profissões da área da saúde como por exemplo, fisioterapia, enfermagem e psicologia encontra-se em fase de saturação.

Podemos ver nesse crescimento uma positividade na medida em que isto garantirá uma maior divulgação da profissão, abertura de novas áreas de trabalho, etc., por outro lado, isso poderá ser preocupante por todos os aspectos ligados ao campo da Terapia Ocupacional já relatados e porque será necessário garantir a qualidade da formação destes novos profissionais. A expansão do ensino superior criará a curto prazo vagas de docentes em todos o Brasil, mas a médio prazo poderá gerar uma saturação de profissionais semelhante a das outras profissões.

Um outro aspecto importante é que estamos vivendo um momento de transformação social ímpar, com grandes transformações no perfil sócio-demográfico da população, acrescida de rápidas transformações no processo de trabalho com a incorporação de tecnologias e problemáticas do primeiro mundo que trarão novas doenças numa velocidade vertiginosa, sem que tenhamos conseguido resolver o problema das antigas doenças que

(¹⁰) EMMEL & LANCMAN, ob.cit. 1997

passam a conviver com as novas tendo que dividir os poucos recursos destinados a assistência em saúde.

Soma-se a tudo isso, o avanço tecnológico na área médica a nível de oferta de novas tecnologias de reabilitação. Tudo isso significa que a Terapia Ocupacional nos próximos anos deverá ser muito diferente, tanto a nível de conteúdo teórico oferecido nos cursos de

graduação, a nível do número de profissional no mercado, quanto a nível de oferta de mercado de trabalho.

Se quisermos sobreviver no próximo milênio teremos que estar atentos a mudanças e assumirmos uma posição de pioneirismo em relação a elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, J.A.G. **Instituições e Poder: a Análise concreta das relações de poder nas instituições.** Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- BARBOSA, M.L.O. "A Sociologia das Profissões: em Torno da Legitimidade de um Objeto" in **BIB**, Rio de Janeiro, n. 36, 1993, pp. 3-30.
- BOURDIEU, P. Sistemas de Ensino e Sistemas de Pensamento, in **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo, Perspectiva, 1974.
- CAPES, **Seminário Nacional - Discussão da Pós-graduação Brasileira,** Brasília, 1996.
- EMMEL, M.L.G. & LANCMAN, S. "O processo de capacitação docente dos terapeutas ocupacionais: implicações na definição do perfil profissional e nos rumos da profissão", Relatório parcial apresentado ao CNPq. 1997 (mimeo).
- FUNDAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO ADMINISTRATIVO (FUNDAP), **Distribuição da Força de Trabalho no nível superior na área da saúde no Estado de São Paulo em 1992: Análise preliminar dos dados da Pesquisa Assistência Médico-Sanitária / FIBGE, 1992,** São Paulo, 1997.
- GILLETTE, N. & KIELHOFNER, G. The Impact of Specialization on the Professionalization and Survival of Occupational Therapy. **The American Journal of Occupational Therapy**, vol. 33 N^o 1, 1979.
- KUHN, T. **A Estrutura das Revoluções Científicas,** São Paulo, Perspectiva, 1978.
- LARSON, M.S. **The Rise of Professionalism.** University of California Press. 1977
- MACHADO, M.H. "Sociologia das profissões: uma contribuição ao debate teórico", In **Profissões de saúde: uma abordagem sociológica.** MACHADO, M.H., Rio de Janeiro, Ed. FIOCRUZ, 1995.
- PARSONS, T. Verbete "Professions" In David Sills (ed.) **International Encyclopaedia of Social Sciences**, The MacMillan Companhia & The Free Press, vol XII.
- TASSARA, E.T.O. Terapia Ocupacional: ciência ou tecnologia? **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v.4/7, 1993/6, p. 43-52.

WILENSKY, H.L. The Sociology of Organizations:
basic studies, In MACHADO, M. H. **Profissões de**

saúde: uma abordagem sociológica. Rio de Janeiro,
Ed. FIOCRUZ, 1995.

ABSTRACT

This papers aims to discuss the process of growing, constitution and professionalization of Occupational Therapy in Brazil. It discusses the consequences of the fact that further education of Occupational Therapy lecturers is being done in correlated areas and its influences in the development and constitution of the profession. Such education modifies the profile and the ways of the profession because it makes difficult for those occupational therapists to create a common culture and repertory. This reality may be influencing the constitution of the professional field as a body of an own theoretical, practical and methodological knowledge and be recognized in the job market by its specificity.

Key words: occupational therapy, health professions, constitution of professions